

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

ANA CAROLINA SANTOS GONÇALVES

**PERSPECTIVA ANARQUISTA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA LUTA PELA
EMANCIPAÇÃO DO POVO**

**RIO DE JANEIRO
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

ANA CAROLINA SANTOS GONÇALVES

**PERSPECTIVA ANARQUISTA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA LUTA PELA
EMANCIPAÇÃO DO POVO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a Dra. Ângela Maria Martins

**RIO DE JANEIRO
2009**

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho, mas, deixo registrada a minha gratidão à professora/ orientadora/ Ângela Maria Martins que, de forma sempre paciente e carinhosa, permitiu que junto com ela estudasse esta temática de tanta relevância para a educação e para a sociedade; e, ao meu namorado Marco Antonio que, sempre muito amigo, apoiou-me passando segurança e motivação para continuar o caminho.

(...) e nós, democratas socialistas, exigimos para o povo a instrução integral. toda a instrução, tão completa quanto o permita a capacidade intelectual do século. a fim de que acima das massas, não possa existir nenhuma classe que saiba mais do que eles, que os possa dominar e explorar. (BAKUNIN, 1979b, p. 32).

RESUMO

Este estudo apresenta o ideário anarquista acerca da educação e seu grande mote: a Educação Integral. Teve por objetivo resgatar a importância e o valor da Pedagogia Libertária em razão de ser esta um interessante referencial para a análise dos graves problemas educacionais contemporâneos. O método utilizado foi a Pesquisa Bibliográfica. Neste sentido, recorreu-se à leitura de clássicos pensadores anarquistas como Mikhail Bakunin, Paul Robin, Ferrer y Guardia e Silvio Gallo, entre outros. Nosso estudo, que também contou com a contribuição das discussões e apontamentos realizados no NEPHEB – Núcleo de Estudos e Pesquisas da História da Educação Brasileira – da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), concluiu pela necessidade de repensarmos a educação, mais precisamente, as práticas pedagógicas, de modo a rompermos com todos os vínculos e vícios ideológicos impostos, formando, a partir de uma Educação Integral, indivíduos críticos e conscientes, capazes de juntos construir uma sociedade mais livre, justa e solidária.

Palavras-chave: ANARQUISMO; PEDAGOGIA LIBERTÁRIA; EDUCAÇÃO INTEGRAL.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1	
CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA	09
CAPÍTULO 2	
A EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA ANARQUISTA	15
CAPÍTULO 3	
EDUCAÇÃO INTEGRAL	21
3.1 - Mikhail Bakunin	22
3.2 - Paul Robin	27
3.3 - Ferrer y Guardia	32
3.4 - Silvio Gallo	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objeto a análise do conceito de Educação Integral na perspectiva da educação anarquista. A escolha desse assunto deve-se, primeiramente, ao fato de esse estudo contribuir no resgate da importância e do valor da Pedagogia Libertária, reavivando e trazendo à tona o conceito de Educação Integral e, secundariamente, ao desejo de conhecer mais sobre esse tema tão importante para a pedagogia em razão da gama de reflexões que pode proporcionar por assemelhar-se tanto com o momento atual vivido na educação.

Para nos aproximarmos do tema e alcançarmos nossos objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica dando-se preferência a leituras de fontes primárias de autores anarquistas clássicos como: Mikhail Bakunin, Paul Robin e Ferrer y Guardia, referenciais básicos para o estudo da educação libertária, permitindo assim, um acesso maior aos fatos históricos analisados. Acrescentamos também em nossa análise, a fim de contemporaneizarmos o tema, o professor e autor Silvio Gallo, considerado um dos grandes expoentes do pensamento educacional anarquista em nosso país.

A pesquisa histórica desenvolvida como um todo, contou também com a contribuição das discussões e apontamentos realizados pelo NEPHEB – Núcleo de Estudos e Pesquisas da História da Educação Brasileira – da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), a partir do qual aprofundamos nosso estudo e ampliamos nossa visão sobre o tema. Enriquecedora também foram as visitas a bibliotecas públicas como a do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que forneceu-nos uma vasta literatura sobre o Anarquismo.

Assim, inicialmente, fizemos um estudo sobre o movimento anarquista, pois o mesmo contém em seu bojo os elementos gerais que levaram ao surgimento de uma pedagogia libertária.

Posteriormente, aprofundamos a concepção e a importância da educação no ideário anarquista, tendo em vista que esta é considerada, para os militantes libertários, como uma poderosa ferramenta capaz de favorecer a emancipação do povo, desde que bem orientada.

Nesta ótica é que a Educação Integral é pensada e estruturada, tendo como meta uma verdadeira transformação social. Sendo uma educação para a liberdade, perceberemos neste estudo que sua proposta encontra-se baseada no ensino laico e racional, voltada para a constituição de sujeitos e efetivamente trabalhada de modo a contrapor-se ao modelo de educação estatal.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA

Em uma análise histórica podemos perceber que o século XIX foi palco de grandes transformações no campo científico. A ciência passou a ter uma importância fundamental na sociedade, pois se tratava de um conhecimento através do qual o homem poderia conhecer profundamente a natureza, a sociedade e agir sobre elas. No campo da sociologia, por exemplo, surgiu neste período o Positivismo de Auguste Comte, que defendia a idéia de que o conhecimento científico era a única forma de conhecimento verdadeiro, combatendo desta forma os dogmas e as superstições da Igreja.

O continente europeu encontrava-se neste período diante de turbulentas transformações não apenas no campo científico, conforme já mencionado, mas principalmente no campo social. Podemos citar o impacto intensamente desorganizador da Revolução Industrial que deixou fortes marcas no campo laboral, fomentando e intensificando a luta entre classes sociais. Esta transformação social foi apresentada por Simmel (1976):

Somente a economia do dinheiro chegou a encher os dias de tantas pessoas com pesar, calcular, com determinações numéricas, com uma redução de valores qualitativos a quantitativos. Através da natureza calculativa do dinheiro, uma nova precisão, uma certeza na definição de identidades e diferenças... (p.14).

Surgem a partir destas significativas transformações nas relações sociais e, sobretudo, nas relações de trabalho, diversos movimentos sociais, que se apropriam da racionalidade científica com o fito de analisar e superar a opressão que os rodeava. Nesta busca por melhores condições para o povo, surgem diferentes modalidades de socialismo, como: o socialismo utópico, o socialismo libertário e o socialismo comunista, impulsionados por grandes pensadores como Proudhon, Kropótkin e Karl Marx. De forma bastante consciente, Errico Malatesta – militante libertário italiano - critica a exploração resultante das práticas capitalistas:

O povo, espoliado de tudo o que a natureza criou servindo para o sustento do homem e de tudo o que o trabalho humano juntou à obra da natureza.

depende na sua vida do beneplácito dos proprietários e vê-se reduzido pela miséria ao aviltamento e à impotência. (MALATESTA, 1980, p. 87).

Segundo Gallo (1995a), enquanto a racionalidade era utilizada pelo incipiente capitalismo para a manutenção de uma sociedade produtiva e eficiente, capaz de gerar lucros, os socialistas buscavam através dela a formação de uma sociedade igualitária que tivesse como base a liberdade.

Nesta linha de pensamento, Gallo (1995a) mostra-nos que o século XIX, como auge do que se convencionou chamar de modernidade, teve como utopia fundamental a emancipação humana que seria fruto das conquistas científicas e tecnológicas, mas principalmente de uma Revolução Social, através da qual o povo construiria seu mundo e conquistaria a liberdade realizando então sua condição humana.

Podemos dizer, acertadamente, que o objetivo primordial da educação anarquista é a liberdade, é formar indivíduos livres, conscientes, capazes de uma vida solidária em sociedade. Mas é também formar homens que lutem pela liberdade de todos, pois, como já vimos, a liberdade só pode adquirir sentido quando expressa coletivamente; um indivíduo só pode ser livre se todos os outros que compõem o coletivo social também o forem. (GALLO, 1995a, p. 31).

Surge assim, como uma corrente específica do socialismo, o movimento anarquista – que em um estudo mais detalhado apresenta também em seu bojo diversas correntes distintas –, que se inicia trazendo consigo antecedentes de alguns setores radicais da Revolução Francesa e pensadores como William Godwin, Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Este movimento que se desenvolveu, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, pregava a criação de uma nova sociedade pautada principalmente na necessidade da supressão do Estado.

Comumente, percebemos a associação da palavra anarquia a palavras como caos e desordem, principalmente tendo em vista a origem do termo que etimologicamente deriva do grego *anarkhía* que significa ausência de chefe. Em verdade, a anarquia não é a expressão da desordem, ao contrário, ela ilustra a justa organização social, como já salientara Mikhail Bakunin, notório anarquista russo do século XIX:

A futura organização social deve ser feita somente de baixo para cima, pela livre associação e federação dos trabalhadores nas associações primeiro, depois nas comunas, nas regiões, nas nações e finalmente numa grande federação internacional e universal. Será apenas então que se realizará a ordem verdadeira e vivificadora da liberdade e da felicidade

geral, essa ordem que, longe de renegar, ao contrário afirma e põe de acordo os interesses dos indivíduos e os da sociedade. (BAKUNIN *apud* GALLO, 1995a, p. 102).

O anarquismo, como visto, também denominado de movimento libertário, surgiu como uma forma de lutar contra a democracia burguesa, sua organização e, principalmente, sua personificação na figura do Estado, que apresenta uma definição bastante incisiva posta por Lawrence Krader – antropólogo americano do século XX que estudou a formação do Estado:

O Estado é uma autoridade central (monarca, presidente) com poder sobre uma população que vive dentro de um território determinado; mas é mais que uma unidade física, territorial ou legal; o poder político central transforma a unidade nacional, a representação, a defesa e o controle dessa unidade em uma ideologia. (KRADER *apud* GALLO, on-line, 20/05/09).

O Estado burguês, a partir de uma concepção anarquista, apresentaria, portanto, duas características fundamentais: primeiramente, a de ser uma violenta instituição política que conserva em suas práticas a dominação e a exploração social, em suma, um poderoso instrumento de classe; e, além desta, seu caráter abstrato, que tem o objetivo de protegê-lo das camadas hipossuficientes da sociedade que o constitui, sem que estas percebam sua condição de submissão.

(...) não se pode falar em Estado sem falarmos em súdito e soberano, em explorado e explorador, em dominado e dominador; no contexto de uma sociedade que é regulada por uma máquina estatal, é impossível que falemos em igualdade e justiça. (GALLO, 1995a, p. 94-95).

Ainda neste prisma, segundo Bakunin (1980), o Estado poderia ser ilustrado como um imenso cemitério no qual *vêm sacrificar-se, morrer e enterrar-se todas as manifestações da vida individual e local* (p.37), sendo desta forma necessária uma busca incessante de mecanismos de resistência a este poder quase totalitário.

Este ponto é tratado como o diferencial entre a perspectiva anarquista e as demais teorias socialistas, que de um modo geral, ou exigiam a presença do Estado ou propunham métodos revolucionários dentro do próprio sistema, o que na concepção anarquista era inviável, haja vista os interesses mercantis estatais. Bakunin, segundo Gallo (1995a), defende que numa sociedade capitalista, como a que vivemos, um homem nunca poderá ser livre tendo em vista que se trata de uma sociedade baseada na exploração, na desigualdade,

na qual se mantém boa parte da população em condições subumanas, para que outra parcela social possa realizar-se.

Aliado ao Estado, e também alvo de críticas ferrenhas por parte de militantes anarquista, estaria a Igreja. Neste sentido, Bakunin entrelaça o conceito de Estado com o de Deus e os proclama adversários do movimento libertário.

O Estado é o irmão mais novo da Igreja. Não podemos encontrar outra razão, para a sua existência como abstração, do que partir da idéia metafísica ou teológica. Sendo pela sua própria natureza oposto à justiça humana, devemos buscar-lhe a sua "justificação" na ficção metafísica ou teológica da justiça divina. (BAKUNIN, 1980, p. 40).

Conforme já registrado no início deste capítulo, uma das lutas dos movimentos sociais do início do século XIX era contra os dogmas religiosos que concebiam verdades acerca das quais não cabiam indagações, tampouco especulações que ousassem macular a imagem sacra da instituição. Tratando-os como instrumentos de manipulação, Kropótkin - ilustre anarquista russo -, critica-os:

Nos defrontamos com uma quantidade de preconceitos herdados dos tempos passados. De idéias absolutamente falsas, lançadas para melhor iludir o povo, de sofismas minuciosamente elaborados para falsificar o juízo que o povo possa formular. (KROPOTKIN, 1980, p. 49).

Em suas lutas em prol de uma sociedade livre da exploração estatal e capitalista, o movimento libertário teve como foco principal as relações de trabalho. Defendiam, segundo Costa (1980), que a sociedade, bem como a propriedade coletiva ou social, deveriam passar a se organizar de baixo para cima por meio da livre associação e não de cima para baixo mediante a autoridade, seja de que classe for. A luta proposta, portanto, é no sentido de que o trabalhador subverta esta relação organizando ele mesmo a sua vida, as suas ocupações e a sua organização dentro do ambiente de trabalho e da sua comunidade.

Para Proudhon, a partir dos estudos de Gallo (1995b), os operários deveriam ser os responsáveis por organizar e distribuir a produção através de cooperativas de trabalho, que seriam administradas em regime de autogestão. Deste modo, o organismo econômico social seria composto por uma rede de cooperativas de produção e circulação, administradas e controladas pelos próprios trabalhadores, segundo suas necessidades e desejos.

Tais anseios produziram muitas lutas e embates sociais no século XIX, provocadas por manifestações de massa que tinham a consciência de que a emancipação político-social dos trabalhadores só poderia ser alcançada por eles mesmos, haja vista que esta nunca seria

oferecida pelas classes dominantes através de meios pacíficos. Na percepção de Kropótkin, *o proletário que não tem outra forma que seus braços, nada pode esperar do Estado, a não ser uma organização fundada para impedir sua emancipação* (KROPOTKIN *apud* GALLO, 1995a, p. 86).

O movimento libertário ao longo de toda a sua existência foi responsável pela publicação de diversos artigos, jornais e panfletos através dos quais buscava informar o povo acerca das lutas que estavam sendo travadas e principalmente sobre os ideais sociais que buscavam. Estas informações faziam parte dos objetivos anarquistas de instrumentalizar as classes menos favorecidas para que estas pudessem alcançar sua emancipação, preparando-as para um desenvolvimento cada vez mais autônomo. Segundo Bakunin, estes conhecimentos eram disponibilizados *a fim de que as massas cessando de ser rebanhos dirigidos e tosquiados pelos pastores privilegiados, possam tomar em suas mãos seus próprios destinos históricos* (BAKUNIN *apud* GALLO, 1995b, p. 83).

Desta forma, por entenderem que a liberdade é, longe de ser uma característica natural, um produto da sociedade, adquirido apenas através das lutas sociais, os anarquistas defendem que a emancipação social só poderá ser alcançada mediante a democratização do conhecimento, capaz de superar a relação do saber com o poder, preparando o indivíduo para a vivência plena desta liberdade.

Conforme já exposto, de forma bastante incipiente, a proposta anarquista é essencialmente política, pois discute uma nova sociedade baseada na igualdade e na solidariedade, e não na injustiça e na exploração (GALLO, 1995a). O anarquismo valoriza, antes de tudo, o indivíduo.

Se todos os homens, menos um, estivessem contentes por serem escravos e estarem submetidos, sem necessidades naturais, a toda a espécie de sofrimentos, esse único teria razão de se revoltar e de reclamar liberdade e bem estar. (MALATESTA, 1980, p. 81).

Independência; autodisciplina; contínuo aperfeiçoamento; comportamento individual; rejeição de hábitos e convenções tradicionais; e, sobretudo, extinção da figura do Estado. são em resumo, as idéias principais que originariamente embasaram o movimento anarquista.

Portanto, partindo destes ideais, apresentam-se como basilares na filosofia anarquista o conhecimento e a educação, que, a partir de alguns pensadores liberais da

época, foram estruturados como estratégias políticas na conquista de interesses anarquistas e que serão mais bem estudados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA ANARQUISTA

Como já observado no final do capítulo anterior, a educação no ideário anarquista é tratada como uma poderosa ferramenta capaz de favorecer a emancipação do povo. Os diversos pensadores e autores liberais deste movimento foram, ao longo de suas trajetórias, delineando o que hoje podemos chamar de pedagogia libertária.

A luta de classes, conforme já esboçado, deriva da construção de uma sociedade fundamentalmente estruturada num sistema capitalista e, portanto, como produto social, encontra-se presente também no campo da educação. Neste contexto, para Gallo (1995b) a educação é vista, na perspectiva anarquista, como uma forma de libertação do proletariado da condição de dominado neste sistema de exploração.

A primeira questão que temos de considerar hoje é esta: Poderá ser completa a emancipação das massas operárias enquanto recebam uma instrução inferior à dos burgueses ou enquanto haja, em geral, uma classe qualquer, numerosa ou não, mas que por nascimento tenha os privilégios de uma educação superior e mais completa? (BAKUNIN, on-line, 14/06/2009).

O Estado, entendido como uma instituição política que perpetua a dominação e a exploração, ou seja, como um instrumento de classe, através de sua implacável perspectiva de reprodução social, oferece ao povo uma educação veiculadora de ferros e preconceitos. Essa educação, segundo Gallo (1995b), forma os indivíduos de acordo com as necessidades sociais, moldando operários conformados para o trabalho braçal e esculpindo os filhos da burguesia para as funções de gestão da sociedade e, ainda assim, manipulando-os conforme os desejos do capital. Segundo Bakunin, *enquanto houver dois ou mais graus de instrução para os diferentes extratos da sociedade, haverá necessariamente classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de eleitos, e escravidão e miséria para a maioria* (apud GALLO, 1995a, p. 116).

Neste prisma, uma educação mediada pelo Estado seria então reflexo e fonte de desigualdades, ensinando ricos e pobres a se conformarem e a perceberem o escalonamento

social como algo inevitável e imutável, proporcionando uma adaptação e uma padronização das consciências e das personalidades.

(...) nenhum homem deve obediência a outro; não é livre a não ser sob a condição de que todos seus atos sejam determinados, não pela vontade dos outros homens, mas por sua vontade e convicção próprias. Mas um homem a quem a fome obriga a vender o seu trabalho, e com o seu trabalho sua pessoa, pelo preço mais baixo possível ao capitalista que se digna a explorá-lo, um homem a quem sua própria brutalidade e sua ignorância o entregam à mercê de seus exploradores, será necessariamente e sempre um escravo. (BAKUNIN *apud* GALLO, 1995b, p. 26).

Este caráter ideológico da educação oferecida pelo Estado foi alvo de fortes críticas e acusações por parte do movimento libertário que, em suas ações panfletárias e intelectuais, procuravam mostrar o poder de reprodução e a importância política que as escolas possuíam.

Toda a educação tem por objetivo produzir o homem e o cidadão – segundo uma imagem, em miniatura, da sociedade – pelo desenvolvimento metódico das faculdades físicas, intelectuais e morais da criança. Noutros termos: a educação é criadora de costumes no sujeito humano (...). A educação é a função mais importante da sociedade (...). (PROUDHON *apud* GALLO, 1995b, p. 46).

Tamãha importância dá-se principalmente, pois o saber, além de servir como forma de adaptação e aceitação por parte dos menos favorecidos, sempre foi entendido como um sustentáculo do poder. O domínio do conhecimento é a base do domínio econômico (GALLO, 1995b). A manutenção das massas na ignorância serve para mantê-las na miséria, haja vista que assim acabam por não ter condições de organização e de reivindicação de seus direitos, os quais ela nem sabe que possui.

Um homem condenado a permanecer toda a vida como um ser brutal, carente de educação humana, um homem privado de instrução, um ignorante, é necessariamente um escravo; e se exerce direitos políticos, pode estar seguro de que, de uma ou de outra maneira, exercerá sempre contra si próprio, em benefício de seus exploradores, de seus amos (...) (BAKUNIN *apud* GALLO, 1995b p. 26).

A utilização do saber como forma de enaltecimento, no século XIX, foi muito explorada pela burguesia. William Godwin, ilustre filósofo inglês, tido como um dos precursores do anarquismo do século XIX, apresenta-nos que:

Esta é uma das características comuns a todos os estabelecimentos de ensino público e até mesmo nas escolas dominicais, as mais importantes lições nos falam numa veneração silenciosa à Igreja da Inglaterra e em

como é preciso inclinar-se frente a qualquer homem que ostente um belo casaco. (GODWIN *apud* GALLO, 1995b, p.32).

Nesta submissão intelectual, segundo Bakunin, um operário muito inteligente vê-se compelido a emudecer frente a um “erudito tonto”, que lhe faz silenciar, *não por maior finura de espírito, da qual carece, mas por instrução, da qual o operário é privado e que o outro pôde receber, pois enquanto sua estupidez se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do operário lhe vestia, lhe dava casa, o alimentava e lhe proporcionava tudo, os professores e os livros necessários a sua instrução* (BAKUNIN, on-line, 14/06/2009).

Portanto, fica evidente que para acabar com estas desigualdades faz-se necessário que o saber seja (distribuído integral e igualitariamente) para toda a sociedade. O desenvolvimento de uma educação visando à superação do vínculo entre o saber e o poder envolve, para os anarquistas, dentre outros aspectos, questões como: a autogestão escolar, ou seja, a supressão da mediação estatal; a racionalização e socialização do conhecimento científico; a dissolução da dicotomia existente entre pensar e fazer (educação *versus* trabalho); a co-educação de sexos, bem como a co-educação de classes; o cultivo gradual da liberdade; e, um ensino essencialmente público (GALLO, 1995a).

Com relação a este último tópico, os anarquistas além de evidenciarem em seus trabalhos o grande engodo estatal de ensino público, que como já se observou, não era o mesmo para todas as camadas sociais tampouco atendia a todas, chamaram a atenção do povo para o fato de que a gratuidade proclamada não passava de uma grande mistificação:

Gratuita! Queres dizer paga pelo Estado. Mas quem pagará ao Estado? O povo. Já vês por aí que a educação não é gratuita. Mas isso não é tudo. Quem se aproveitará mais da educação gratuita, o rico ou o pobre? Evidentemente será o rico: o pobre está condenado ao trabalho desde o berço. (PROUDHON *apud* GALLO, 1995b, p. 48)

É por isso que, na perspectiva anarquista, a partir dos trabalhos de Gallo (on-line, 20/05/09) a única educação revolucionária possível é aquela que se desenvolve fora do contexto definido pelo Estado. A proposta é que a própria sociedade construa seu sistema de ensino, à margem do Estado e sem a sua interferência, definindo ela mesma como aplicar seus recursos e fazendo a gestão direta deles, estabelecendo um sistema de ensino que seja o reflexo de seus interesses e desejos.

A proposta anarquista desenvolveu-se por um caminho ímpar: os trabalhadores deveriam criar eles próprios suas escolas, trabalhando a educação em um meio e com uma orientação bastante diferente daqueles encontrados nas escolas estatais ou religiosas. (GALLO, 1995b, p. 31).

Na filosofia anarquista esta forma organizativa ficou conhecida como autogestão, que em decorrência do princípio da liberdade apresenta-se contrária a todo e qualquer poder institucionalizado, contra qualquer autoridade, hierarquização e qualquer forma de associação assim constituída, pois para os anarquistas a gestão das instituições e principalmente da sociedade como um todo deve ser direta, fruto do próprio povo.

(...) A política é a ciência da liberdade: o governo do homem pelo homem, sob qualquer nome que se disfarce, é opressão; a mais alta perfeição da sociedade se encontra na união da ordem e da anarquia. (PROUDHON apud GALLO, 1995b, p. 42).

Neste paradigma, a educação pública não é, e nem deve ser, uma função do Estado, mas sempre uma responsabilidade social, da própria comunidade. Assim, cada grupo social deve auto-organizar-se para fundar seu sistema de ensino, definindo a partir de suas necessidades: os conteúdos, a carga-horária, a metodologia, os processos de avaliação e outros procedimentos didáticos que julgarem necessários (GALLO, on-line, 20/05/09).

Aderindo ao pensamento que perpassava a Europa em seu tempo, o movimento libertário viu na racionalidade um poderoso instrumento, pois seu uso favoreceria a formação de consciências e de vontades livres. Os pensadores anarquistas consideravam a educação racional libertária essencial na luta contra o autoritarismo, a opressão e a exploração. A igualdade só seria alcançada a partir da mudança profunda da mentalidade dos homens e da instauração de uma outra racionalidade que estivesse pautada no respeito ao outro, na solidariedade, na liberdade de atuação e nas diferenças de cada indivíduo.

E para que se convertam em escolas de emancipação e não de submissão, terão que eliminar toda essa ficção de Deus, o eterno e absoluto escravizador, e deverão fundamentar toda a educação das crianças e a instrução no desenvolvimento científico da razão, não sobre a fé; sobre o desenvolvimento da dignidade e da independência pessoais, e não da piedade e da obediência; sobre o culto à verdade e à justiça, e antes de tudo sobre o respeito humano, que deve substituir em tudo o culto divino. (BAKUNIN apud GALLO, 1995a, p. 119).

Na contramão do ensino racional, encontra-se neste trecho de Bakunin o outro inimigo declarado do movimento anarquista, a Igreja, que aliada ao Estado tratam de padronizar as consciências e as personalidades.

Mas o ensino público sempre gastou todas as suas energias na defesa dos preconceitos; ele ensina aos seus alunos não a coragem de examinar cada proposição com o objetivo de testar sua validade, mas a arte de justificar qualquer doutrina que venha a ser criada. Estudamos Aristóteles, Tomás de Aquino, Bellarmine ou o Chefe de Justiça Cocke, não para que possamos detectar os erros de suas afirmações, mas para que nossas mentes sejam totalmente impregnadas pelos absurdos que contêm. (GODWIN *apud* GALLO, 1995a, p. 32).

Como sinaliza Gallo (2002), a educação anarquista, por sua vez, teria como meta desestruturar esta ideologia social e ensinar a liberdade, estimulando os indivíduos a pensarem e a agirem a sua maneira, estabelecendo suas próprias ideologias, assumindo suas singularidades sempre em diálogo com os outros e com o meio, nunca se fechando à amplitude do meio social.

A liberdade não é, pois, um fato de isolamento, mas de reflexão mútua, não de exclusão, mas de ligação; a liberdade de todo indivíduo é entendida apenas como reflexão sobre sua humanidade ou sobre seu direito humano na consciência de todos os homens livres, seus irmãos, seus semelhantes. (BAKUNIN, 1983, p. 32-33)

Sendo assim, longe de ser uma característica natural, os anarquistas consideravam a liberdade como um produto social, uma qualidade importante sobre a qual os esforços deveriam estar concentrados. Bakunin, nas palavras de Gallo (1995b), afirma que a educação e a instrução são fundamentalmente importantes para a conquista da liberdade, pois é através da educação – seja ela institucional, realizada nas escolas; seja ela informal, realizada pela família e pela sociedade como um todo – que os sujeitos entram em contato e refletem acerca de toda a cultura produzida pela humanidade, desde seus primórdios.

Desta feita, fica claro que, tomada em seu cerne, a proposta anarquista para a educação é essencialmente política, pois discute a instituição da uma nova ação social baseada na igualdade e na liberdade, não na injustiça e na exploração oriundas do sistema capitalista vigente (GALLO, 1995a).

No momento em que educamos para a liberdade e a igualdade, no seio de uma sociedade de exploração e desigualdade, já estamos realmente fazendo a revolução: estamos começando a mudar as consciências, estamos ajudando a ver o mundo de maneiras diferentes. E ver de outro modo é o primeiro passo para a transformação, pois ninguém transforma nada se não consegue ver as coisas de outra maneira. (GALLO, 1995b, p. 67).

Parece-nos então nítido que, segundo o supradito autor (1995b), a educação estatal e a educação libertária pautam-se por objetivos notadamente diferenciados, – ou, para utilizar uma expressão mais precisa – para essas duas propostas educacionais colocam-se em objetivos antagônicos. Para a primeira: adequar, dominar e conservar o status quo; já para a segunda: libertar, igualar e superar a opressão.

De forma mais ampla, percebemos em nosso estudo que os escritos anarquistas acerca da educação não se resumem a apenas tecer críticas ao sistema burguês de ensino, mas também propõem novas bases e objetivos libertários para a educação. Sobre suas propostas, inovaram os anarquistas ao alvitrar o que chamaram de educação integral, como veremos no capítulo posterior.

(...) nós, democratas socialistas, exigimos para o povo a instrução integral, toda a instrução, tão completa quanto o permita a capacidade intelectual do século, a fim de que acima das massas não possa existir nenhuma classe que saiba mais do que eles, e que os possa dominar e explorar. (BAKUNIN, on-line, 14/06/2009).

A educação anarquista fundamenta-se, portanto, principalmente na elisão, através da racionalidade, das falsas idéias e dos preconceitos criados e sustentados pelas instituições de poder para manter a estrutura social de exploração. Esta educação, desenvolvida junto às massas, sendo distribuída igualitariamente por toda a sociedade, vai além da divisão de classes e da dicotomia entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, levando os indivíduos a um processo de conscientização e emancipação que culminaria na luta por uma sociedade livre e justa.

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO INTEGRAL

A proposta de Educação Integral surge no interior do pensamento anarquista, um pensamento, que como vimos, repudia a alienação. Desta forma foi pensada como um caminho para a transformação da sociedade, pois para os militantes deste movimento, a educação é tida como uma *necessidade política, baseada no direito de todos ao livre desenvolvimento* (GALLO, 1995b, p. 92).

A idéia moderna [de educação integral] nasceu do sentimento profundo de igualdade e do direito que cada homem tem, quaisquer que sejam as circunstâncias do seu nascimento, de desenvolver, da forma mais completa possível, todas as faculdades físicas e intelectuais. Estas últimas palavras definem a Educação Integral. (ROBIN *apud* GALLO, 1995b, p. 92).

Neste sentido, a educação integral, como apresenta Paul Robin - pedagogo francês e militante do movimento anarquista, responsável por uma importante experiência neste campo - é um processo de formação humana, no qual o indivíduo percebe-se plenamente. Resumidamente, trata-se de uma educação na qual, harmonicamente, procura-se desenvolver as faculdades intelectuais aliadas ao trabalho manual e às atividades físicas.

Para que os homens sejam morais, isto é, homens completos no sentido mais lato do termo, são necessárias três coisas: um nascimento higiênico, uma instrução racional e integral, acompanhada de uma educação baseada no respeito pelo trabalho, pela razão, pela igualdade e pela liberdade, e um meio social em que cada indivíduo, gozando de plena liberdade, seja realmente, de direito e de fato, igual a todos os outros. (BAKUNIN *apud* GALLO, 2002, p. 32).

Como se pode observar, Bakunin torna mais complexo o conceito de Educação Integral ao relacioná-lo à educação moral. Segundo Gallo (1995b), o que os anarquistas costumavam chamar de educação moral, nada mais é que uma formação para a vida social, não podendo ser confundida com o ensino de uma moral qualquer, ou muito menos com o ensino de uma moral burguesa. Tratava-se de uma educação para uma nova moral, uma educação para o respeito à liberdade e à fraternidade. Ilustrada por Sébastien Faure – insigne educador anarquista francês – essa educação deveria:

(...) preparar crianças, desde os primeiros passos na vida, para as práticas de trabalho, de independência, de dignidade e de solidariedade; provar, de fato, que sendo o indivíduo só reflexo, a imagem e a resultante do meio em que se desenvolve, tanto vale o indivíduo quanto o meio, e que, a uma educação nova, com exemplos distintos, com condições de vida ativa, independente, digna e solidária, corresponderá um ser novo: ativo, independente, digno, solidário, em resumo, um ser contrário a este, cujo triste espetáculo temos diante de nós. (FAURE *apud* GALLO, 1995b, p. 132).

Esta educação para a liberdade, baseada no ensino laico e racional, voltada para a constituição de sujeitos e efetivamente pensada e trabalhada de modo a contrapor-se ao modelo de educação estatal, foi através de décadas recebendo importantes colaborações teóricas de ilustres pensadores como Mikhail Bakunin, por exemplo, e de colaborações práticas deveras importantes como as de Paul Robin e de Ferrer y Guardia, que em suas experiências educacionais trabalharam profundamente tal conceito. No Brasil, o autor que aprofundou as reflexões sobre a Pedagogia Libertária foi Silvio Gallo.

Todos estes autores trazem consigo estudos e práticas importantes para que possamos nos aproximar minimamente da pedagogia libertária e seu grande mote que foi a educação integral. Neste intuito, traremos a seguir, sínteses de suas obras e influências para melhor entendermos o conceito desta educação emancipatória.

3. 1. Mikhail Bakunin (1814 – 1876)

"é necessário que não haja mais operários nem sábios, mas apenas homens" (Mikhail Bakunin)

Mikhail Alexandrovich Bakunin nasceu na Rússia em uma família de grandes proprietários de terra. Seu pai, com formação liberal, estudou na França durante a época da Revolução e obteve o grau de Doutor em Filosofia pela Universidade de Pádua. Quando chegou à Rússia seus sentimentos liberais o fizeram, a princípio, revoltar-se com a situação de escravidão na qual viviam milhares de escravos que o serviam, chegando, inclusive a planejar projetos de emancipação dos servos. No entanto, o hábito e a convivência acabaram por transformá-lo em um proprietário resignado. O liberalismo, entretanto, inseriu-se na educação de seus filhos que tiveram uma formação liberal, baseada no constante contato com a natureza, no aprendizado de línguas e história. Tanto que ao sair de

casa, aos quatorze anos, Bakunin falava muito bem o francês, um pouco de alemão, inglês, latim e grego (GALLO, 1995b).

Inicialmente Bakunin encaminhou-se para seguir carreira militar, no entanto por não se acostumar com a vida no regimento, conseguiu dar baixa no exército.

Em suas viagens, passa a ter contato com Nicholas Stankevish, divulgador na Rússia das idéias de Hegel e Alexander Herzen, divulgador do socialismo de Saint-Simon, Fourier e Proudhon. Em Berlim, dedica-se a estudar filosofia e no decorrer do curso tem contato com alguns jovens que posteriormente viriam a se tornar grandes pensadores do século, como Ivan Turguenov, Karl Marx e Friedrich Engels.

A forte influência socialista neste período faz com que a mera especulação filosófica transforme-se em um ativismo político, levando Bakunin a correr o mundo participando de revoltas e batalhas, disseminando os ideais socialistas entre os meios operários de forma cada vez mais intensa. Por esse motivo, acabou preso diversas vezes, sendo inclusive, mandado para a Sibéria cumprir pena de trabalhos forçados, mas conseguiu escapar.

Segundo Gallo (2002), preocupado com a condição do operariado europeu de sua época, Bakunin acreditava ser necessário uma revolução para que as desigualdades sociais se dissipassem. Para tanto, considerava fundamental a conscientização das massas, sendo então a educação uma poderosa arma nesta luta. Porém, não apenas a educação formal deveria ser considerada, mas todos os ambientes sociais. Destarte, realizava trabalhos em círculos operários e uniões de trabalhadores, que hoje conhecemos como sindicatos.

Para Bakunin (1980), a filosofia política burguesa tratava a questão das desigualdades sociais como um estado natural. Neste enfoque, por serem os homens naturalmente diferentes, conseqüentemente suas condições sociais também seriam. Desta forma, o fracasso ou o sucesso, a pobreza ou a riqueza nada mais seriam que o fruto do trabalho de cada indivíduo através de suas características e aptidões naturais. Portanto, a sociedade e a cultura seriam um simples reflexo da natureza: quem era miserável, assim permaneceria, pois suas características naturais desde sua concepção o determinaram; ao passo que o rico só tinha esta condição, pois naturalmente lhe foi dada aptidão para aproveitar as oportunidades que surgiram.

Insatisfeito e revoltando-se contra esta afirmação, Bakunin procura mostrar que o homem nada mais é que um produto social:

Tomando a educação no sentido mais amplo desta palavra, incluindo nela não somente a instrução e as lições de moral, mas ainda e sobretudo os exemplos que dão às crianças todas as pessoas que as cercam, a influência de tudo o que ela entende, do que ela vê, e não somente a cultura de seu espírito, mas ainda o desenvolvimento de seu corpo pela alimentação, pela higiene, pelo exercício de seus membros e de sua força física, diremos com a plena certeza de não podermos ser seriamente contraditados por ninguém: que toda a criança, todo adulto, todo jovem e finalmente todo homem maduro é o puro produto do mundo que o alimentou e que o educou em seu seio, um produto fatal, involuntário e conseqüentemente irresponsável. (BAKUNIN *apud* GALLO, 1995b, p.70).

Assim sendo, Bakunin afirma que é a sociedade que molda os homens conforme suas necessidades e usa a educação como poderosa ferramenta neste sentido (BAKUNIN, *on-line*, 14/06/2009). Na visão do anarquista russo este era um fator também positivo tendo em vista que assim seria possível pensar em mudanças, pois se a desigualdade fosse algo natural estaríamos todos fadados a ela, mas se for um fator social é então passível de transformações, de modo que com o esforço de seus membros a sociedade pode proporcionar uma vida mais justa para todos.

Reconhecendo na educação a função de formar pessoas conforme as necessidades sociais, Gallo (1995b) percebe que Bakunin vê a escola como *uma instituição perversa, um aparelho de tortura que mutila alguns membros para moldar o homem segundo seus injustos propósitos* (p.72). Tendo em nossa sociedade capitalista o objetivo de corroborar na perpetuação da exploração, ensinando os burgueses a explorar e o proletariado a manter-se dócil e a não se rebelar.

Que se recorde, frente à fabulosa opulência do grande mundo aristocrático, financeiro, comercial e industrial da Inglaterra, a situação miserável dos operários deste mesmo país. Que se leia e releia a carta, tão ingênua e dilaceradora, escrita faz pouco tempo por um inteligente e honesto ourives em Londres, Walter Dugan, que se envenenou 'voluntariamente' com sua mulher e seus filhos para escapar às humilhações da miséria e as torturas da fome; então haverá que confessar que esta civilização tão glorificada não significa, desde o ponto de vista material, mais que opressão e ruína para o povo. (BAKUNIN, *on-line*, 14/06/2009).

Essa tragédia, como tem sido abordada ao longo deste trabalho, seria fruto do cruel sistema capitalista, de suas funções políticas e ideológicas que controlam e dominam o saber, colocando o conhecimento como base do domínio econômico, deixando os

progressos da ciência à disposição apenas da elite, excluindo de seus benefícios as massas populares.

Assim resulta que se abra cada dia mais o abismo que separa a minoria feliz e privilegiada, dos milhões de trabalhadores que vivem com o trabalho de suas mãos, e que, quanto mais felizes são os felizes exploradores do trabalho popular, mais infortunados são os trabalhadores. (BAKUNIN, *on-line*, 14/06/2009).

Assim, para possibilitar a libertação deste sistema escravizador, a educação deve ser, necessariamente, integral, capaz de formar homens completos, senhores de suas habilidades físicas, intelectuais e sociais. Só o homem completo em sua humanidade será capaz de conquistar a liberdade pretendida (GALLO, 2002).

Mas, para que uma pessoa possa construir e assumir sua liberdade, é necessário que ela se conheça, e se conheça por inteiro: se descubra como um corpo, como uma consciência, como um ser social, todas estas características plenamente integradas e articuladas. E é por isso, volto a dizer, que uma educação para a liberdade, na perspectiva anarquista, deve ser também uma educação integral, através da qual o homem se conheça e se perceba em todas as suas facetas e características. (GALLO, 1995b, p. 79).

Bakunin idealiza um sistema de educação social que seja capaz de fornecer às crianças um conhecimento científico geral; de superar a dicotomia trabalho manual/ trabalho intelectual; de orientá-las para uma formação especializada na perspectiva de integração entre a prática e a reflexão, numa perfeita amálgama de executor e planejador; e, de durante este processo, socializá-las possibilitando a conquista da liberdade, integrando-as na sociedade dos adultos, tomando-as pessoas livres e capazes de zelar por suas próprias liberdades e pela liberdade dos demais. (GALLO, 1995b).

Atingida a maioridade, o adolescente será proclamado livre e senhor absoluto de seus atos. Em troca dos cuidados que a sociedade lhe prodigalizou durante a infância, ela exigirá dele três coisas: que permaneça livre, que viva de seu trabalho e que respeite a liberdade de seu semelhante. (BAKUNIN, 1983, p.67)

Como podemos perceber, a liberdade é, em suma, o objetivo traçado e elaborado no decorrer dos estudos e obras de Mikhail Bakunin, tendo forte projeção na educação. Sendo assim, tais questões abordadas teoricamente pelo autor seriam posteriormente aprofundadas e postas em prática por educadores anarquistas como Paul Robin na França e Ferrer y Guardia na Espanha, como veremos adiante.

Questões como justiça, razão e trabalho faziam parte dos estudos do anarquista russo que, em suas proposições sobre educação, almejava a abolição de toda e qualquer injustiça em prol de uma sociedade mais justa.

Para ser perfeita, a educação deveria ser muito mais individualizada do que o é hoje; individualizada no sentido da liberdade unicamente em respeito da liberdade, mesmo na criança. Ela deveria ter por objetivo não o adestramento do caráter, do espírito e do coração, mas seu despertar para uma atividade independente e livre, e não perseguir outro objetivo que não a criação da liberdade, nem de outro culto, ou melhor, de outra moral, de outro objeto de respeito que não seja a liberdade de cada um e de todos, que a simples justiça, não a jurídica, mas a humana, a simples razão, não teológica nem metafísica, mas científica, e o trabalho, tanto muscular quanto nervoso, como base primeira e obrigatória para todos, de toda dignidade, de toda liberdade e do direito. Uma tal educação, difundida amplamente para todos, às mulheres assim como aos homens, em condições econômicas e sociais fundadas sobre a estrita justiça, faria desvanecer muitas das, por assim dizer, diferenças naturais. (BAKUNIN *apud* GALLO, 1995b, p. 80).

A leitura da citação acima mostra-nos outra característica inovadora da perspectiva educacional anarquista: a co-educação de meninos e meninas. Afirmava Mikhail Bakunin que todas as crianças, sem exceção, deveriam ter uma educação absolutamente igual, capaz de torná-los verdadeiramente completos. Este ponto, embora bastante inovador para a época, foi fortemente explorado, em suas práticas, pelos anarquistas atuantes na educação.

Ainda de encontro às ideologias perpassadas pela escola, Bakunin projeta uma educação na qual possa-se superar a dicotomia entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, entendendo esta como uma grande fomentadora das desigualdades sociais (GALLO, 2002). Com a realização de uma educação integral, através da aplicação prática no mundo da produção, previa a superação da alienação, facilitando a conscientização do trabalhador acerca de seu trabalho.

Mas estamos convencidos de que no homem vivo e completo, cada uma destas duas atividades, muscular e nervosa, deve ser igualmente desenvolvida e que, longe de se anularem mutuamente, cada uma delas deve apoiar, alargar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais vasta quando o sábio deixar de ignorar o trabalho manual, e o trabalho do operário instruído será mais produtivo que o do operário ignorante. Donde se conclui que, no próprio interesse tanto do trabalho como da ciência, é necessário que não haja mais operários nem sábios, mas apenas homens. (BAKUNIN *apud* GALLO, 2002, p.31).

Desta forma, Bakunin reconhece que a educação pode e deve ser trabalhada no sentido oposto ao da educação capitalista. Deveria a educação integral possibilitar aos alunos um acesso a conteúdos científicos, de caráter geral e concomitantemente, a inserção nas especificidades do campo laboral de modo a abolir as falsas idéias e os preconceitos criados e distribuídos pela educação capitalista que visa manter a estrutura social de exploração (GALLO, 1995b).

Essa educação, desenvolvida com as massas populares, vai além da divisão de classes e da dicotomia histórica entre o trabalho manual e o intelectual. Favorecendo o processo de conscientização e de libertação visando a uma nova sociedade, baseada na justiça e na igualdade. A educação anarquista, tal como aparece na obra de Bakunin é, muito propriamente, uma educação para a liberdade, segundo Gallo (2002).

3. 2. Paul Robin (1837 – 1912)

“Se a educação de cada homem tivesse por base não uma porção restrita dos conhecimentos humanos, mas sua totalidade, veríamos desaparecer funestas divergências sobre os grandes problemas de princípio, que atrasam de forma considerável o progresso da humanidade.” (Paul Robin)

Um dos principais nomes da Pedagogia Libertária do século XIX, Paul Robin foi o primeiro a conseguir levar para a prática as diversas questões educacionais teóricas que estavam no centro das discussões socialistas do século XIX. Toda a teoria pedagógica libertária que vinha sendo construída por figuras importantes como Bakunin, como vimos, por mais relevantes e profundas que fossem, não traziam em si uma relação mais estreita com o sistema educacional, embora fossem ricas em seus argumentos lhes faltava a realidade prática.

Robin, nascido na França, embora tenha iniciado sua graduação na carreira de medicina, em pouco tempo percebeu que essa não teria muito a lhe oferecer, visto que possuía desde já um espírito crítico e questionador. Sendo assim, decide ingressar na área do magistério através da Escola Normal, na qual encontrou sua verdadeira vocação.

A participação em um *stage* que teve em Bruxelas em 1856 o convence do caráter opressivo e classicista da estrutura escolar, e rapidamente faz dela objeto de áspere crítica. (TOMASI *apud* GALLO, 1995b, p. 88)

Durante os anos iniciais no magistério da rede pública, sua paixão pela educação leva-o a organizar passeios com seus alunos, estudando botânica, geologia, astronomia, fazendo visitas a artesãos e a fábricas, além de incentivar o estudo da música. No entanto, pressionado por superiores, devido a sua metodologia de trabalho laico e crítico, mas, sobretudo, por conta de suas colocações políticas, Robin, desiludido com o burocratismo do ensino público, resolve demitir-se.

Embora nascido em uma família católica praticante e extremamente rígida e tradicional em sua educação, Robin no decorrer de sua vida acadêmica acabou sendo influenciado fortemente por Auguste Comte e seu Positivismo. Segundo Gallo (1995b), esta influência fez com que concebesse sua pedagogia baseada na ciência e na razão, contrapondo-se enfaticamente ao “obscurantismo religioso”.

Thomas Malthus, economista britânico que em 1798, a partir de estudos, previu que os meios de subsistência não acompanhariam o crescimento avassalador da população mundial, exerceu outra grande influência nos trabalhos de Robin, que através desta teoria associada ao Evolucionismo de Darwin e de sua seleção natural, concebeu a idéia de que era necessário haver uma regeneração social. Tal pensamento surgiu tendo em vista que uma superpopulação poderia ampliar ainda mais as desigualdades, tanto sociais quanto intelectuais, por isso era necessário frear o crescimento da humanidade.

A prática de uma educação integral surge então com o fito de combater o que ele chama de racionamento intelectual, provocado por estas desigualdades oriundas da superpopulação (ROBIN, 1981).

Suas propostas pedagógicas, portanto, a partir dessas influências e dos contatos com diversos militantes socialistas vão adquirindo cada vez mais uma feição nitidamente libertária.

Segundo Gallo (1995b), a atuação de Robin no campo da educação foi bastante fecunda e revolucionária. Em 1879, por indicação de um antigo amigo, Ferdinand Buisson, é nomeado inspetor de educação primária na região de Blois, na França, no entanto, sua permanência neste cargo duraria apenas um ano. Novamente por intervenção do amigo Buisson, Robin em 1980 realizaria seu grande sonho que era poder dirigir uma escola colocando em prática sua teoria de educação integral, no Orfanato Prévost em Cempuis. Este estabelecimento havia sido doado para a Prefeitura por um rico comerciante local sob

a condição de ele ser um orfanato para ambos os sexos, dirigido e com professores laicos, tornando-o desta forma um estabelecimento de ensino bastante avançado para os padrões da época.

Paul Robin em Prévost, com a proteção do amigo Buisson – que era na época o inspetor da região - encontrava-se com total liberdade para pôr em prática seus ideais libertários, haja vista que se tratava de um orfanato, ou seja, uma escola em tempo integral.

Em sua prática pedagógica, o educador francês procurou trabalhar um conceito fundamental em sua teoria que é o de integralidade (ROBIN, 1981), entendendo seus alunos, cada um deles, como um todo orgânico, pautando seu trabalho nesta multiplicidade de aspectos, pois para ele:

Se a educação de cada homem tivesse por base não uma porção restrita dos conhecimentos humanos, mas sua totalidade, veríamos desaparecer as funestas divergências sobre os grandes problemas de princípio, que atrasam de forma considerável o progresso da humanidade. (ROBIN *apud* GALLO, 1995b, p. 96).

Desta forma, sua proposta de educação integral, indo ao encontro do ideário de Bakunin, pretende proporcionar a todos uma base de conhecimentos gerais, de modo que tenham um domínio razoável do conhecimento humano, possibilitando-os, inclusive, descobrir suas aptidões, contribuindo assim para a formação do homem enquanto ser individual e social.

De forma que o ser, a quem falte um sentido, um órgão, é um homem que tem uma de suas faculdades essenciais a sua espécie diminuída, é um homem incompleto e deformado. (ROBIN, 1981, p. 40).

Evitando esta “deformidade”, Robin procurou trabalhar em Prévost com o que anteriormente apresentamos como sendo a tríade basilar do conceito de educação integral e que ele chamou de fatores habituais: a educação física, a intelectual e a moral (ROBIN, 1981).

Com relação à educação física. Robin, muito preocupado com as questões de higiene, tema que ganhou significativo destaque entre os educadores libertários ao final do século XIX devido às péssimas condições de vida dos proletários europeus, procurou em Prévost aliar a promoção da higiene e da saúde do aluno ao desenvolvimento corpóreo e muscular, sem deixar de harmonizá-los com as atividades intelectuais (ROBIN, 1981).
Desta forma:

Na educação física tratamos de realizar este belo equilíbrio orgânico a que chamamos saúde perfeita; tratamos de desenvolver o vigor muscular, mas também a delicadeza dos órgãos de percepção, a finura e a precisão deste instrumento precioso, ao qual chamamos nossos sentidos. Pretendemos que a educação física sirva de contrapeso à educação intelectual, sem mais; não cairemos no desvio do atletismo. E reciprocamente, cuidaremos para que o trabalho intelectual não seja exagerado de tal modo que possa comprometer a saúde do corpo. (ROBIN *apud* GALLO, 1995b, p. 115).

Nesse sentido, segundo Gallo (1995b), em Prévost praticavam-se exercícios variados como natação – em piscina construída pelos próprios alunos –, equitação, ciclismo, além de diversos jogos e brincadeiras que estimulavam bastante a imaginação das crianças. A intenção era que todas as atividades fossem praticadas sem o sentimento de disputa, com um espírito fraterno, visando à diversão e nunca a subjugação do companheiro.

Situada na fronteira entre a educação física e a intelectual existia o que se chamava de instrução profissional (Gallo, 2002). No ideário de Robin, a dicotomia entre trabalho manual e intelectual deveria ser abolida, pois ambos deveriam, ao seu entender, formar uma única coisa, uma amálgama.

Assim, a educação intelectual não poderia ser uma instrução meramente teórica: a idéia era partir da prática para chegar à prática. A teorização era um caminho, e o aprendizado completo, por inteiro, o objetivo principal. (GALLO, 1995b, p. 117).

Para o desenvolvimento desta chamada *educação orgânica e manual* o Orfanato de Cempuis contava com oficinas de sapataria; imprensa e encadernação; costura; forja; carpintaria; uma granja completa e ainda uma lavanderia (GALLO, 1995b). O objetivo destas oficinas, que englobavam praticamente todas as opções de campos de trabalho da época, era favorecer uma introdução ao mundo laboral. Desta forma, os alunos criariam afinidades e escolheriam a área com que mais se identificassem para posteriormente desenvolverem um aprendizado mais profundo sobre ela, especializando-se. Sendo assim uma escolha consciente e não alienante.

A educação não pode ser meramente intelectual, deverá ser também física; a instrução profissional não pode visar apenas um ofício, deve também ser generalizante, em um primeiro momento, e, depois, em um segundo momento de especialização, deve ser complementar e harmonizante. (GALLO, 1995b, p. 97-98)

Paul Robin era um educador que valorizava muito a curiosidade infantil, em suas práticas nenhum conhecimento era entregue pronto à criança, desta forma:

Deixe que a criança faça ela mesma suas descobertas, espere suas perguntas, responda a elas sobriamente, para que seu espírito continue seus próprios esforços, não imponha algumas idéias feitas, vulgares, transmitidas pela rotina irreflexiva e embrutecedora. (ROBIN *apud* GALLO, 1995b, p. 119).

Sendo assim, através desta metodologia prática e crítica, a educação intelectual em Prévost valorizava os grandes temas da ciência moderna e sua fundamentação social, as formas de comunicação, as línguas orais e escritas, a matemática e as expressões artísticas (ROBIN, 1981). O aprendizado da leitura e da escrita, realizado com as crianças menores, dava-se de forma bastante lúdica e criativa, através de jogos com letras, palavras e imagens, valorizando-se a língua francesa e as estrangeiras posteriormente.

A educação intelectual merece, por si mesma, o título de integral quando tem como fim o desenvolvimento proporcional de todas as faculdades do homem, que existem na criança como um gérmen; não temos o direito de deixar que se atrofiem, nem reprimir nenhuma, seja a imaginação, o juízo ou a memória. Por instrução integral entendemos que o aluno deve adquirir, não como se dizia antigamente, “luzes” de tudo, um banho superficial, mas sim sólidas noções, justas, claras, positivas, ainda que muito elementares, de todas as ciências e de todas as artes. (ROBIN *apud* GALLO, 1995b, p. 121).

Completando a tríade que Robin classificava como básica em sua educação integral, apresenta-se a educação moral que, como visto no início do capítulo, nada tem a ver com a moral burguesa, tratando-se de um ensino para o respeito à liberdade e à fraternidade. Seguindo como aconselha Robin:

Em primeiro lugar, a exclusão de idéias falsas, desmoralizadoras, dos preceitos enganosos, das impressões terríficas, enfim, de tudo o que possa afastar a imaginação da verdade, e lançá-lo na confusão e na desordem; ausência de sugestões doentias, da excitação das vaidades, supressão das ocasiões de rivalidades e ciúmes; a visão incessante das coisas tranqüilas e ordenadas, naturais; a vida simples, ocupada, variada e animada entre os trabalhos e os jogos, o uso graduado de uma parte de liberdade e responsabilidade, o exemplo dos educadores e, sobretudo, a felicidade. (ROBIN, 1981, p. 51-52).

Coerentemente com o princípio da igualdade, proclamado pelos socialistas, em Prévost era praticada a co-educação dos sexos, considerada na época como imoral (ROBIN, 1981). No entanto, para Robin era necessário que meninos e meninas vivessem na completa igualdade de condições, tanto que nas oficinas os meninos aprendiam a costurar e a

cozinhar e as meninas aprendiam a trabalhar nas forjas e nas prensas. Desta feita, superava-se a primeira condição de dominação que era a do homem sobre a mulher.

Outro aspecto ainda relativo à educação moral diz respeito à educação religiosa. Segundo Gallo (1995b), no Orfanato de Cempuis o ensino era laico, não se praticava nenhum ensino religioso, como nas escolas cristãs, mas também não se falava contra Deus. Todo e qualquer tema, no decorrer dos estudos, que se referisse à igreja e seus atos eram estudados numa perspectiva crítica.

No entanto, todas essas características revolucionárias de educação praticadas em Prévost, principalmente na questão da educação moral, causaram duras críticas - principalmente dos católicos - que acabaram por destituir Robin da direção do Orfanato, pondo fim à primeira experiência prática da pedagogia libertária.

Com base em sua experiência em Prévost, Paul Robin escreveu o Manifesto aos Partidários da Educação Integral (1893), no qual apresenta um belíssimo resumo de seus ideais libertários, convidando a todos a comungarem com seus desejos e esperanças pelo mundo inteiro em favor daquilo que entendia ser uma educação para a liberdade.

3. 3. Ferrer y Guardia (1859 – 1909)

“O ensino científico e racional dissolverá a massa popular para fazer de cada mulher e de cada homem um ser consciente, responsável e ativo, que determinará sua vontade por seu juízo, assessorado por seu próprio conhecimento”. (Ferrer y Guardia)

O espanhol Ferrer y Guardia foi um grande idealizador libertário do início do século XX, tendo sido fortemente influenciado por pensadores anarquistas como Kropótkin e Bakunin.

Ferrer nasceu em Alella, perto de Barcelona, na Espanha e foi criado em um ambiente fortemente católico e conservador, pois seus familiares mantinham uma substancial ligação com a monarquia. Esta formação provocara em Ferrer uma grande revolta capaz de exercer influência em seus pensamentos pedagógicos.

Começou a trabalhar bem cedo, aos 14 anos, como comerciante, oportunidade em que acabou criando afinidades pelas idéias anarquistas disseminadas entre o proletariado da cidade catalã.

Sua trajetória reflete bem os problemas de uma jovem geração de europeus que observa, assombrada, a desenfreada corrida imperialista das potências ocidentais e da intensificação da luta de classes (SEBARROJA, 2003, p. 41).

Dadas as suas convicções, militou no movimento republicano e anticlerical, tendo, inclusive, em 1886 participado de uma manifestação contra a monarquia, que acabou por causar-lhe a expatriação, fazendo com que fosse para Paris juntar-se a outros anarquistas. Neste contexto afirma sua vocação pedagógica ao dar aulas particulares de espanhol para sustentar sua família (SEBARROJA, 2003).

Ainda em Paris, Ferrer cria a Liga Internacional pela Educação Racional da Infância, publica um tratado de espanhol prático e milita arduamente no movimento maçônico. Viaja pela Itália, Suíça e Bélgica interessando-se por todas as experiências de inovação pedagógica.

Segundo Sebarroja (2003), depois de anos de trabalho e viagens, uma aluna e querida amiga sua, deixa para Ferrer, ao morrer, boa parte de sua herança para que ele a empregue na criação de uma instituição escolar “moderna”, propósito este já confessado a amiga outrora.

Em princípios do século XX, Barcelona se transformara em uma cidade com forte expansão industrial e com movimentos operários organizados precariamente. Neste cenário, munido de sua enorme bagagem intelectual e de posse de uma herança considerável, Ferrer retorna à Espanha em 1901 com o intuito de criar a escola racional e científica que tanto sonhara. Sendo assim, em agosto deste mesmo ano inaugura de forma discreta, na periferia de Barcelona, a primeira Escola Moderna que ganhou este nome, propositadamente, segundo Sebarroja (2003), a fim de evitar associações ao movimento anarquista.

Era de fato uma escola realmente moderna para a época, possuindo instalações perfeitas, com salas arejadas, classes individuais, materiais para a realização de experiências e livros atraentes. Tais obras e manuais pedagógicos eram muitas vezes publicados pela própria escola que era dotada de uma

biblioteca, de uma tipografia e de um serviço de edição que faziam dela um dos principais focos de cultura popular da época. Ressalte-se que muitas das obras editadas passaram a ser adotadas, inclusive, por outras escolas privadas (SEBARROJA, 2003).

Para Ferrer (*on-line*, 26/05/2009), a educação popular constituía-se em um problema crucial, pois era evidente a utilização da escola como instrumento de legitimação da dominação nas mãos dos poderosos; mantendo a maior parcela da população na mais absoluta ignorância.

Sendo assim, em conformidade com a tradição socialista libertária, Ferrer revestiu sua concepção educativa de uma forte orientação anti-estatal, pois a educação não podia basear-se em preconceitos militaristas e nacionalistas exagerados, tampouco em dogmas religiosos; do contrário, deveria ter como norte os desenvolvimentos da ciência positivista (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

Portanto, a educação na Escola Moderna criada por Ferrer deveria servir de instrumento de emancipação e propagação das idéias libertárias diante do "adestramento" do ensino oficial de educação, que induz as crianças a obedecer e a pensar segundo os dogmas sociais vigentes. Para o educador espanhol, o ensino deveria ser uma força a serviço da mudança, e a ciência, através de uma ação pedagógica consciente, a grande promotora desta libertação.

Apesar da ênfase ao racionalismo, Sebarroja (2003) mostra-nos que o pedagogo espanhol distanciou-se do positivismo de Comte por entender que o conhecimento científico só encontra sentido se servir à humanidade. A ciência positiva, portanto, deveria estar a serviço das verdadeiras necessidades do indivíduo e da sociedade, somando-se à razão os desejos e as emoções inerentes ao homem. O resultado seria então uma razão natural em contraposição à razão artificial do capital e da burguesia que favorecia a alienação e a submissão, como visto.

Indo de encontro a essa razão burguesa, Ferrer propôs em sua Escola Moderna utilizar a ciência como a grande emancipadora do proletariado, que poderia através do desenvolvimento tecnológico e de uma revolução social livrá-

los de suas condições de miséria e de penúria, retirando das mãos exclusivistas da burguesia as benesses da ciência e da tecnologia, distribuindo-as por todo o corpo social, trazendo frutos para todos e não apenas para alguns, dissolvendo assim os contrastes sociais.

A verdade é de todos e socialmente deve-se a todo o mundo. Porém, reservada como monopólio dos poderosos, deixa na completa ignorância os mais pobres, e, para piorar, é dado a eles uma verdade dogmática e oficial em contradição com a ciência para que aceitem sem protestar seu estado deplorável e insignificante (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

Neste sentido, uma das grandes inovações de seu trabalho na Escola Moderna foi a co-educação de classes sociais, em que *ricos e pobres postos em contato na inocente igualdade da infância* (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009) poderiam contribuir futuramente na diminuição das desigualdades sociais. Para ele a existência de uma escola somente para meninos pobres não seria uma escola racional, pois nela corria-se o risco de cultivar o ódio e aumentar as divergências, ao mesmo tempo em que uma escola para meninos ricos não seria igualmente racional, pois cultivaria o privilégio e a discriminação.

[...] a Escola Moderna trabalha sobre as crianças para que a educação e formação os preparem para ser homens, e não para antecipar o amor ou o ódio, adesões nem rebeliões, que são deveres e sentimentos dos adultos, em outras palavras, não queremos colher os frutos antes de plantarmos as sementes, ou atribuir responsabilidade sem que seja dada a consciência de condições que constituem a sua fundação: aprendam as crianças a ser homens, e quando eles o forem poderão na hora certa rebelar-se (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

Colocando numa mesma sala de aula filhos, tanto da burguesia quanto do proletariado, representantes de todas as classes sociais, Ferrer acreditava que estaria ensinando apenas aquilo que é a "verdade objetiva" sobre a sociedade, sem enganar ninguém, para que no futuro em consequência disso, os filhos de operários se revoltassem e os filhos de burgueses encontrassem melhores justificativas para a exploração, caso não queiram juntar-se à luta daqueles que buscam a reestruturação da sociedade (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

A pedagogia racional e científica implementada na Escola Moderna de Barcelona atribuiu um valor incisivo também à co-educação dos sexos, pois,

assim como Robin, considerava significativa a convivência de meninos e meninas no ambiente escolar. Segundo Sebarroja (2003), tal posicionamento foi bastante criticado tendo em vista a Espanha conservadora de seu tempo, na qual a figura patriarcal sobrepujava a da mulher, colocando-a numa posição submissa sob o domínio do homem.

A finalidade da co-educação é a de que as crianças de ambos os sexos tenham a mesma instrução; que de forma semelhante desenvolvam a inteligência, purifiquem o coração e temperem suas vontades; que a humanidade feminina e masculina se completem desde a infância, tornando a mulher, não apenas na teoria, mas na prática, a companheira do homem (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

No pensamento de Ferrer y Guardia, toda criança nasceria livre de idéias preconcebidas e só ao longo de sua vida e de suas experiências pessoais as adquiriria, portanto, se a educação lhe apresentar noções positivas e verdadeiras, baseadas substancialmente na experimentação e na demonstração racional, estaria preparada para qualquer tipo de estudo.

Logo nas primeiras páginas de *La escuela moderna*, principal obra do pedagogo espanhol, é apresentado o Programa da Escola no qual Ferrer deixa claro que:

A missão da escola moderna é fazer com que meninos e meninas tornem-se pessoas educadas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

No intuito de alcançar o objetivo proposto, a Escola Moderna de Barcelona investia em diversas atividades e posturas bastante avançadas em vista das demais escolas da Espanha (SEBARROJA, 2003).

Na instituição criada por Ferrer, não havia violência física ou mental com base em prêmios e castigos, exames ou concursos. O clima escolar era de confiança e, sobretudo, de amizade, de relações entre professores e alunos individualizadas e baseadas no afeto. Valores de liberdade, criatividade, autonomia e ajuda mútua eram disseminados no ambiente escolar, fazendo com que os alunos tivessem prazer em estudar.

Segundo os estudos de Sebarroja (2003), as atividades lúdicas, os passeios e as excursões, assim como a ausência dos clássicos exames, que deram lugar aos *souvenirs d'amité*, chamados momentos de amizade, faziam parte da valorização positiva da prática cotidiana que buscava estar em constante experimentação e conhecimento. Ainda neste sentido, há de se ressaltar o uso da correspondência e do intercâmbio escolares, incentivados

pela Escola com o intuito de obter informações concretas e vivas acerca da realidade social e econômica que os cercavam.

Inspirando-se na educação integral de Robin, a proposta pedagógica de Ferrer y Guardia dá um amplo espaço às atividades físicas e manuais. As crianças eram estimuladas num bom ritmo de atividades extra-escolares como visitas a fábricas e a museus de modo a desenvolver o aluno intelectual e profissionalmente. Desta forma propalava-se a formação integral do ser humano, a junção de teoria e prática favorecendo a não dicotomia entre trabalho manual e intelectual (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

Na Escola Moderna eram aceitos meninos e meninas com idade superior a cinco anos. No entanto, esta intenção de co-educação dos sexos não foi alardeada de antemão na proposta da Escola para não causar furor, pois como vimos, a escola estava instalada no Estado espanhol monárquico e com uma sociedade oficialmente católica e conservadora. Sendo assim, segundo Sebarroja (2003), quando alguém ia matricular um menino na escola tal pessoa era questionada se não havia também uma menina na residência, incentivando a matrícula desta. Foi assim que uma grande quantidade de meninos e meninas foram matriculados em sua Escola Moderna.

Sem a contribuição do Estado, pois como já fora abordado, Ferrer, em sua posição anarquista, mantinha-se contrário à intervenção deste no âmbito escolar, parte da manutenção da Escola derivava da contribuição financeira dos pais dos alunos, que a faziam de acordo com suas posses.

Atraves da leitura de *La escuela moderna* percebe-se claramente a preocupação do educador espanhol com a questão da higiene escolar:

Exponhamos depois a limpeza como assunto de beleza e a sujeira como característica da feiúra, e entremos agora decididamente no domínio da higiene, apresentando a sujeira como a causadora de doenças, infecções indefinidas e epidemias, e a limpeza como a agente principal da saúde, desta forma poderemos facilmente determinar os desejos das crianças para a limpeza e fornecer em seus estudos informações para a compreensão científica de higiene. (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

A preocupação com questões sanitárias era evidente entre os educadores anarquistas e para Ferrer, em suas práticas, ela não poderia ser esquecida como normalmente faziam as outras escolas, pois ela, trabalhada de forma sistemática, poderia evitar a excessiva

mortalidade que atingia as cidades da Espanha. Desta feita, a Escola era mantida em boas condições de higiene e os alunos passavam por inspeções médicas ao ingressarem na escola, minimizando assim a propagação de enfermidades contagiosas (FERRER Y GUARDIA, *on-line*, 26/05/2009).

Sebarroja (2003) apresenta-nos que em 1906, acusado de tentar assassinar o rei, Ferrer é preso gerando o fechamento da Escola Moderna – apenas da escola e não da editora -, no entanto, esta tentativa de envolver o pedagogo espanhol no crime, por parte do governo monárquico e dos setores conservadores, fracassa e Ferrer, depois de um ano de prisão em Madri, é declarado inocente por falta de provas.

Com o intuito de difundir a educação emancipatória praticada na Escola Moderna, Ferrer cria em 1908 a revista internacional *L'École Rénovée*, na qual são discutidas as idéias e todas as tentativas concernentes à renovação escolar e onde se encontra, além da assinatura de Ferrer, a de importantes pedagogos libertários da época como: Kropótkin, Robin, Domela Nieuwenhuis, Ellen Key e outros.

Em 1909, suspeito de participar como autor e chefe da revolução da Semana Trágica de Barcelona, Ferrer, aos 50 anos, após um processo judicial cheio de falhas, é condenado ao fuzilamento por um Tribunal Militar da Inquisição.

3. 4. Silvio Gallo (1963)

“Não tenho o direito de educar para o passado, nem mesmo de educar para o futuro. É preciso educar para a vida, e a vida é um eterno presente”. (Silvio Gallo)

Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, ilustre pedagogo e filósofo anarquista brasileiro, leciona na Universidade Estadual de Campinas, instituição em que se tornou mestre e doutor nos anos 90. Gallo é um dos principais expoentes da pedagogia libertária em nosso país, tendo uma ampla atuação na área da Filosofia da Educação.

Através de suas obras sobre o tema, Silvio Gallo tenta resgatar os ideais de uma educação anarquista, que vêm ao longo dos anos sendo pouco abordados até mesmo por ilustres autores que tratam do pensamento pedagógico mundial. Esta desvalorização – intencional ou não - ocorre por ser o anarquismo, como vimos, uma filosofia marginal, uma

crítica radical ao Estado e ao *status quo* capitalista que até hoje gera no pensamento coletivo a errônea idéia de desordem social.

Gallo (1995a) apresenta-nos a pedagogia anarquista como um interessante referencial para discussões e análise dos graves problemas educacionais que enfrentamos, como a qualidade do ensino e a democratização da escola, trazendo contribuições criativas para esses antigos problemas. Sendo assim, acredita que tanto as teorias anarquistas quanto suas experiências com escolas libertárias, têm muito a nos dizer apesar do lapso temporal existente.

Sustenta, por exemplo, que a democratização do ensino, que deveria o tornar mais inclusivo, acabou por lhe tirar a efetividade, mantendo nossa educação altamente excludente, haja vista que garante o acesso de muito mais gente à escola, mas não consegue, no mínimo, alfabetizar, de fato, um grande contingente (GALLO, 1995a). Embora aparentemente a proposta estatal em seu cerne tivesse um espírito acolhedor e humanitário, difundindo a educação para todas as camadas sociais, Gallo através da perspectiva anarquista, apresenta-nos que, de fato, a real intenção estatal era utilizar a educação como meio de difundir sua ideologia para o maior número de pessoas possíveis.

Neste enfoque, são apresentadas nas obras de Silvio Gallo as críticas anarquistas com relação aos sistemas públicos de ensino. Já se denunciava no século XIX que o ensino financiado pelos impostos pagos por toda a população, era apropriado pelos governos como instrumento ideológico, oferecendo uma escola para os ricos e uma outra escola para os pobres. A questão do financiamento da educação pelo Estado como ato de benevolência era severamente questionada pelos anarquistas, pois ao contrário do que imaginava a grande parte da população, o capital precariamente aplicado nas escolas públicas nada mais era do que a conversão dos impostos pagos pelos contribuintes em serviços de natureza pública.

Diante dessa constatação, os anarquistas passaram a questionar a mediação do Estado com a esfera educacional. Em determinado momento Gallo chega a ilustrar o Estado como o *Senhor Civilizador, Pedagogo-Mor das Massas Incultas que, sozinhas, estariam destinadas a perecer* (GALLO, on-line, 20/05/2009). Contrapondo-se a isso, os anarquistas propuseram um ensino público não-estatal, não mediado pelo Estado, denunciando toda a ideologia incutida na educação gerida pela máquina estatal. Surgiram assim, como nos

mostra Gallo, experiências anarquistas de escola como instituições públicas, pertencentes à comunidade, financiadas e geridas por ela e que não sofriam a interferência do Estado.

Desta forma, o autor, ao longo de seus trabalhos, apresenta-nos a educação anarquista, antes de tudo, como uma pedagogia social. Uma teoria que concebe a educação como um fenômeno político-social capaz de, por um lado, ser veículo de reprodução da sociedade, ou por outro, ser um espaço privilegiado para a transformação da realidade social.

Essa dicotomia que permeia a educação sobrevive até os dias atuais, sendo que ao longo dos anos, como pôde nos mostrar Gallo, o que percebemos é que as experiências anarquistas, por exemplo, que lutam por uma educação como sinônimo de transformação social, não sobrevivem a pressão do Estado, que busca ao longo da história manter uma posição absolutista.

Acreditando na face transformadora da educação, Gallo dirige seus estudos para a pedagogia libertária, pois esta:

Teria por objetivo desestruturar essa ideologia social e ensinar a construção da liberdade, para que cada um pense e aja à sua maneira, criando a sua própria ideologia, assumindo a sua singularidade, sem, no entanto fechar-se para a amplitude do meio social. (GALLO, 1995b, p.37).

Mesmo como divulgador e defensor da pedagogia libertária em nosso país, o autor tem consciência da dificuldade de efetivá-la tendo em vista a estrutura do Estado e da sociedade capitalista como está posta nos dias atuais. No entanto, a escola anarquista, no seu entender, deve enfrentar o *status quo*, tensionando ao máximo esse sistema de produção capitalista a fim de buscar pontos de ruptura que possibilitem o desenvolvimento de seus ideais através do desabrochar de consciências e atos que escapem destes limites.

Silvio Gallo, portanto, é um educador anarquista contemporâneo que acredita que viver é arriscar e que educar para a liberdade é enfrentar o risco de buscar uma sociedade mais justa e libertária, capaz de proporcionar aos seus sujeitos um ambiente onde valha a pena viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes transformações ocorridas no decorrer do século XIX que modificaram as relações de trabalho intensificando a luta entre classes, assim como a valorização do campo racional, proporcionaram o surgimento deste movimento tão mal-entendido, no transcorrer da história, que é o anarquismo.

A filosofia anarquista caracteriza-se como uma crítica ferrenha aos aspectos autoritários do Estado por perceber neste o interesse pela perpetuação da dominação e da exploração. Coerentes com essa crítica, seus militantes sempre olharam com desconfiança a implementação de sistemas estatais de ensino. Dadas as implicações desta relação, a proposta libertária é afastar a iniciativa da educação das mãos do Estado e torná-las cada vez mais próximas da sociedade.

A educação é um dos pilares do pensamento libertário e sempre foi tida como um pressuposto na formação de uma nova sociedade. Nesta ótica, como uma pedagogia social, procura, através da Educação Integral, romper com todos os vínculos e vícios ideológicos apresentados pela educação vigente, formando indivíduos críticos, conscientes e criativos, capazes de estar em perfeita harmonia com a sociedade.

Tomando como ponto de partida a reflexão teórica que realizamos neste estudo, percebemos que – embora o intervalo temporal que nos separa dos pensadores anarquistas que estruturaram o conceito de Educação Integral seja grande – os problemas por eles constatados não são substancialmente diferentes dos que com hoje convivemos. Desta forma, mais do que um resgate histórico, o estudo realizado nos serve para ampliar o olhar crítico e reflexivo no sentido de almejar uma nova perspectiva educacional.

Por mais que os ideais anarquistas pareçam impossíveis perante o inflexível sistema capitalista em que vivemos, o modelo educacional libertário mostra-nos que não devemos pactuar com a idéia da imobilidade das estruturas sociais. Ao contrário, faz-se necessário desnaturalizar a educação que nos está sendo imposta todo esse tempo, buscando meios de fortalecer os indivíduos para que estes, conscientes de seu papel social, possam juntos construir uma sociedade livre, justa e solidária.

Desta feita, percebemos que a Educação Integral, ao valorizar o ser humano em sua plenitude, trabalhando harmonicamente aspectos intelectuais, morais e físicos, busca instrumentalizá-lo a fim de que não haja prevalência de nenhum destes campos. Ademais, ao conduzir o conhecimento de forma integral e igualitária por toda a sociedade, a proposta anarquista visa a descaracterizar a clássica concepção de que a quantidade de saber que determinado indivíduo possui está diretamente ligada à proporção de poder que este exerce no corpo social.

O belíssimo legado anarquista apresenta inúmeras contribuições no campo da educação mundial, e mesmo depois de dois séculos continuam a permear as práticas daqueles que acreditam na educação como um processo coletivo de construção de liberdade. Ao longo deste incipiente estudo, que em síntese buscou resgatar a educação integral no contexto anarquista, fortalecemo-nos com o ímpeto questionador tipicamente libertário.

Assim, diante do exposto, a conclusão a que se chega é que não é razoável perpetuar injustiças a pretexto de se evitar o confronto, pois mesmo diante do imobilizador poder hegemônico capitalista do século XIX, os anarquistas não sucumbiram e mostraram que a liberdade é um processo de construção coletiva pelo qual vale a pena lutar!

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BAKUNIN, Mikhail. **Textos Escolhidos (org. D. Guérin)**. Porto Alegre: L & PM, 1983.

BAKUNIN, Mikhail. O Estado: Alienação e Natureza. In: ORSI, Regina. **O anarquismo e a democracia burguesa**. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 1980, p. 35-43.

BAKUNIN, Mikhail. **A Instrução Integral**. Disponível em: <<http://www.bpi.110mb.com>>. Acesso em: 14/06/2009.

BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo e antiteologismo**. São Paulo: Cortez, 1988.

COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. **La Escuela Moderna**. Disponível em: <http://www.4shared.com/file/31103106/484a3d6b/ferrer_y_guardia_la_escuela_moderna.html?s=1>. Acesso em: 26/05/2009.

FREITAS, Cezar Ricardo de; GALTER, Maria Inalva. Reflexões sobre a Educação em Tempo Integral no decorrer do Século XX. **Educere et Educare – Revista de Educação**. PR, Vol. 2, nº 3, jan./jun. 2007, p.123-138.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

GALLO, Sílvio. **Educação Anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995a.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995b.

GALLO, Silvio. **A Educação brasileira contemporânea numa perspectiva libertária.** Disponível em:
<<http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/textos/0106.html>>. Acesso em: 20/05/09.

GALLO, Silvio. A educação integral numa perspectiva anarquista. In: COELHO, Lígia; CAVALIERE, Ana Maria (Organizadoras). **Educação brasileira e(m) tempo integral.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MALATESTA, Errico. A Política Parlamentar no Movimento Socialista. In: ORSI, Regina. **O anarquismo e a democracia burguesa.** 2 ed. São Paulo: Global Editora, 1980, p. 77-98.

ROBIN, Paulo. **Manifiesto a los partidarios de la Educacion Integral (um antecedente de la Escuela Moderna).** Barcelona: Pequena Biblioteca Calamvs Scriptorivs, 1981.

SEBARROJA, Jaume Carbonell (Org.). **Pedagogias do século XX.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: **O fenômeno Urbano.** 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p. 11-25.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: ANA CAROLINA SANTOS GONÇALVES (20052351170)
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: "PERSPECTIVA ANARQUISTA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO POVO."

ORIENTADOR(A): PROF^a DRA. ÂNGELA MARIA MARTINS

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: JOÃO PAULO MACEDO E CASTRO

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações:

Estaria em primeiro lugar de parabenizar a aluna Ana Carolina pela sua monografia e o esforço empreendido na tentativa de apresentar um tema de extrema importância para os dias atuais, que é o debate sobre educação integral. Ao longo da proposta de uma "pedagogia libertária" formulada por autores anarquistas do século XIX, o trabalho recorre dimensões importantes e talvez esquecidas nos processos educativos atuais, que dizem respeito à dimensão humana que deve ~~ser~~ envolver as práticas pedagógicas. ~~Essa~~ Também chama a atenção, a preocupação em demonstrar como a proposta de uma pedagogia libertária estaria dialtamente associada à construção de uma nova sociedade, onde os processos educativos dessem ser instrumentais:

DATA: _____

Assinatura: _____

de superação da alienação e de submissão das desigualdades. Diante do exposto, confiro a aluna a nota 10 (dez)

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações:

O trabalho de Ana Carolina apresenta uma ótima sistematização de ideias e fundamentação teórica. A autora desenvolveu com muita propriedade e perspectiva as questões da educação integral. Discorre sobre os principais autores e pesquisadores que desenvolvem a categoria educação integral: Bokunin, Paul Robin, Ferrer y Guardia e Silvio Gallo. Por isso, atribui-se a nota 10,0 (dez). AMM.

Data: 11/12/2009

Assinatura: Angela Maria Souza Martins

RESULTADO FINAL		
Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0 (DEZ)	10,0

Rio de Janeiro, _____ de DEZEMBRO de 2009.

Angela Maria Souza Martins

Prof. Orientador